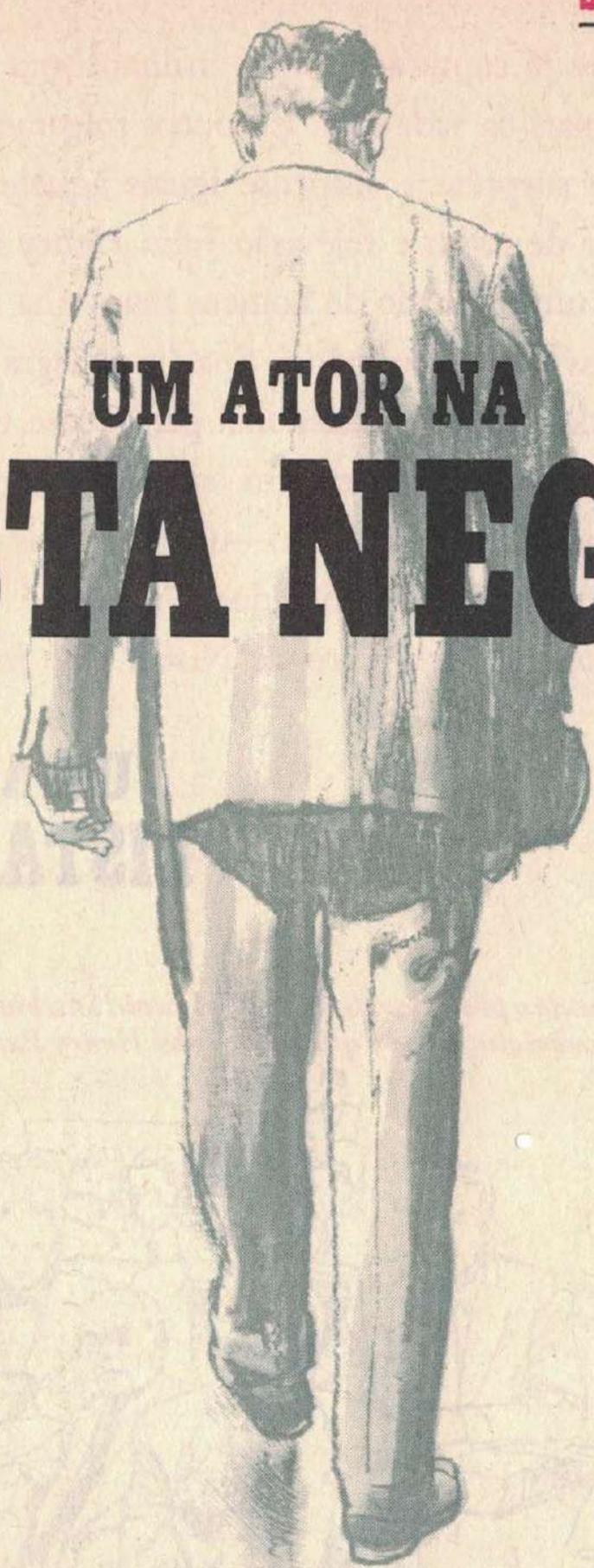


Seção de Livros



**UM ATOR NA
LISTA NEGRA**

Condensação de "The Jury Returns"

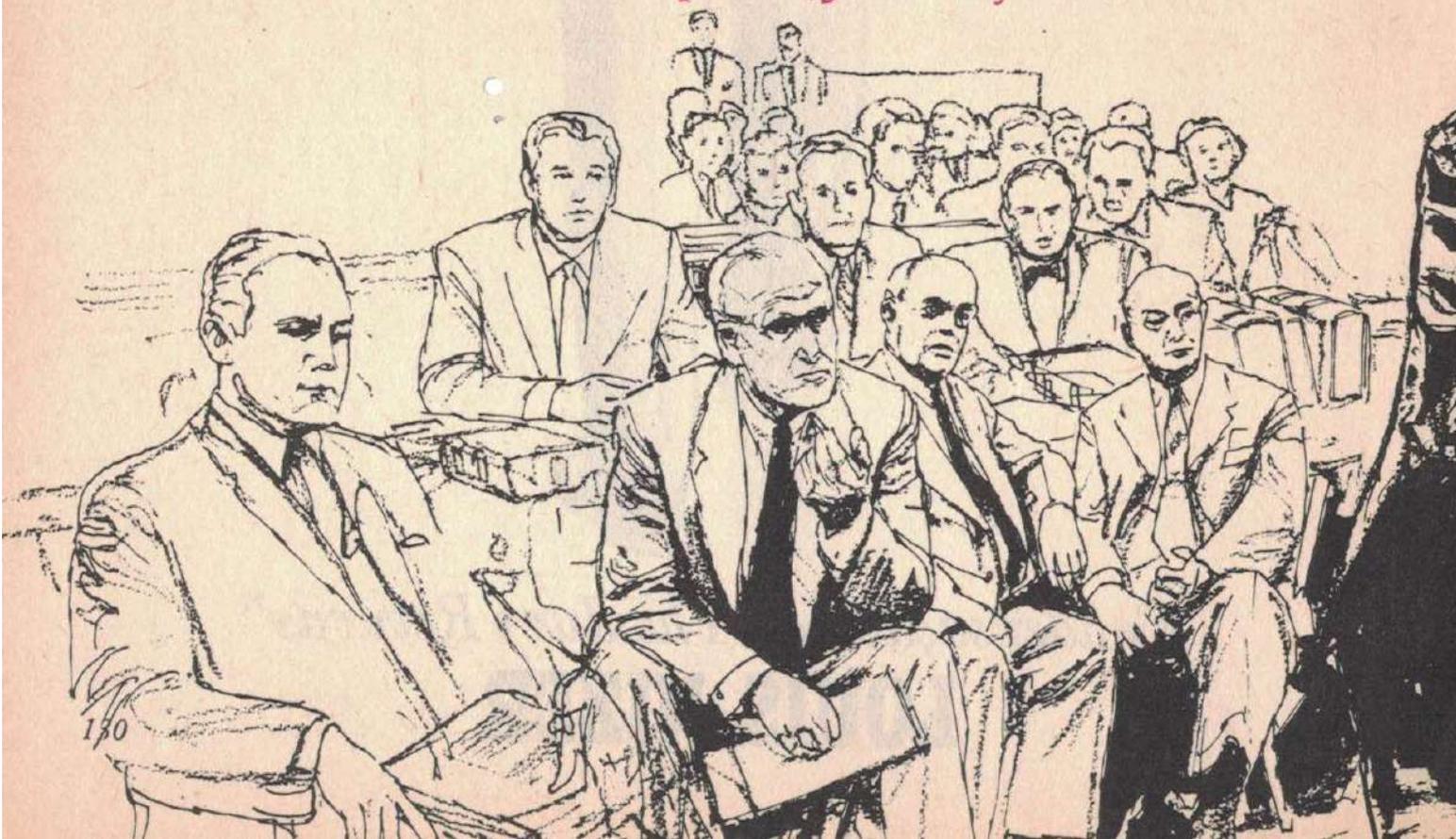
LOUIS NIZER

Poucos escritores já captaram com o brilhantismo de Louis Nizer o drama dos tribunais da vida real. E poucos julgamentos já ofereceram elementos de surpresa e suspense iguais àquele em que Nizer representou o ator de rádio e televisão John Henry Faulk.

Havia anos que um punhado de homens mantinha tãda a indústria de radiodifusão nas garras do medo. Sua lista negra correspondia à diferença entre vida e morte profissional para quase todos os artistas. Quando atacaram Faulk, destruíram sua carreira promissora. O processo de calúnia que daí resultou—um dos mais importantes da recente história judiciária dos Estados Unidos—é um dos quatro casos reconstituídos no nôvo livro de Nizer, *The Jury Returns*.

UM ATOR NA LISTA NEGRA

Louis Nizer interrogando o produtor de televisão David Susskind. Sentado à mesa, de gravata borboleta, vê-se o queixoso, John Henry Faulk

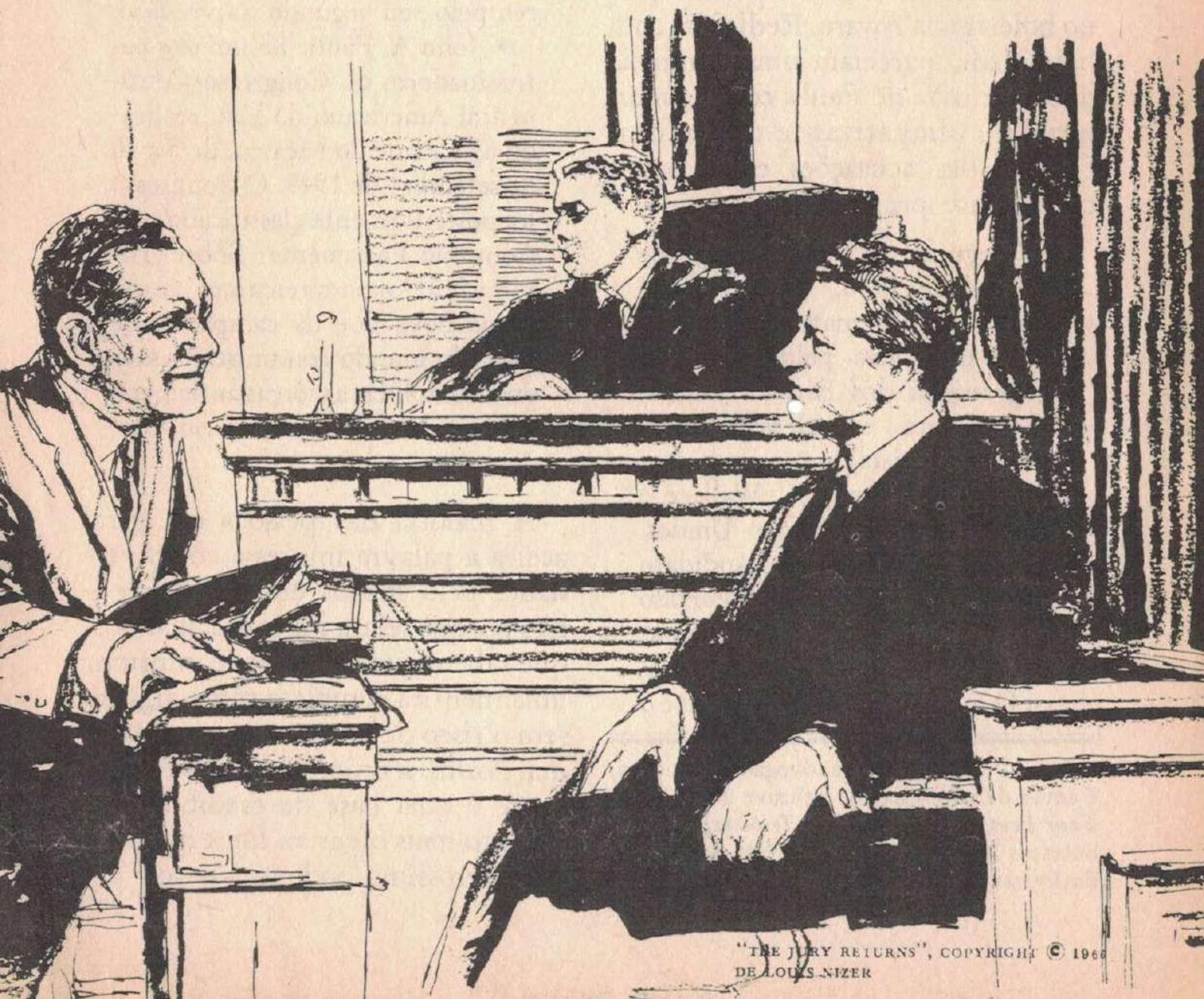


O GOLPE DESCEU sem advertência. John Henry Faulk, artista de televisão e produtor e apresentador de um programa radiofônico, chegou ao seu escritório em Nova York, numa tarde de fevereiro de 1956, e atendeu ao telefone. Quem telefonava era um repórter do *Times* de Nova York, que disse a Faulk que fôra divulgado um documento acusando-o de ligações com os comunistas.

Faulk ficou estupefato. Depois, quando soube que as acusações constavam de um boletim distribuído

pela Aware, Inc., ficou profundamente preocupado. A Aware era uma organização sem fins lucrativos, fundada com um declarado propósito patriótico: ajudar a combater a conspiração comunista. Seu método consistia em coligir informações sôbre as atividades políticas de artistas, e através de boletins e noticiários acusar certos animadores de programas de terem antecedentes radicais ou ligações com frentes comunistas.

O medo da subversão comunista era muito grande no comêço da década de 1950, e a indústria de radio-



difusão, que dedicava todo o seu alento a conquistar as simpatias do público, era hipersensível à questão. Era por isso que a *Aware*, embora nunca chegasse a ter mais de 350 membros, exercia enorme poder. Seus relatórios e as informações fornecidas por seu diretor, Vincent Hartnett, dizia-se, eram a base de uma lista negra consultada por cadeias de emissoras, patrocinadores de programas e agências de publicidade. Faulk sabia que, se tivesse sido incluído na lista negra, poderia ficar impossibilitado de conseguir trabalho.

Ao todo, havia sete especificações no boletim da *Aware*. Redigidas com habilidade, pareciam uma denúncia documentada de Faulk como comunista ou simpatizante comunista. Quatro das acusações eram particularmente prejudiciais:

- Segundo o *Daily Worker* de de abril de 1948, "John Faulk" colaborou com material para revistas montadas pelos Cidadãos Progressistas dos Estados Unidos (oficialmente considerados uma frente comunista) em apoio da candidatura de Henry A. Wallace à Presidência dos Estados Unidos. Embora Wallace fôsse o candidato oficialmente apoiado pelo Partido Comunista, seus partidários estavam longe de ser todos comunistas. O que está em jôgo no caso é o

apoio dado a qualquer candidato através de uma frente comunista.

- Um programa datado de 25 de abril de 1946 mencionava "John Faulk" (juntamente com um comunista fichado) como animador de um show sob os auspícios do Comitê de Artes, Ciências e Profissões dos Cidadãos Independentes (oficialmente considerado uma frente comunista).

- O vol. 3 do *Boletim de Canções Populares* (oficialmente considerado uma frente comunista) citou Faulk como tendo enviado cumprimentos a Canções Populares pelo seu segundo aniversário.

- John A. Faulk foi um dos patrocinadores do Congresso Continental Americano da Paz, realizado na Cidade do México, de 5 a 10 de setembro de 1949. O Congresso foi posteriormente classificado pela Comissão Parlamentar Sôbre Atividades Antiamericanas como "uma nova fase da campanha de 'paz' do mundo comunista, visando a consolidar as fôrças antiamericanas em todo o Hemisfério Ocidental".

A maioria das pessoas em geral aceita a palavra impressa como verdade, pelo menos em boa parte— não porque sejam ingênuas, mas porque sabem que não se pode imprimir uma mentira completa sôbre alguém sem o risco de um processo por calúnia. Assim, a própria audácia do atacante é uma base de credibilidade. Quanto mais ofensiva fôr a mentira, mais verossímil pode tornar-se.

LOUIS NIZER, eminente advogado americano, é autor de vários livros, inclusive *Thinking on Your Feet* e *Minha Vida no Tribunal* (Editôra Sucessos Internacionais, Rio), êste um sucesso de livreria de 1962.

O boletim da *Aware* era mandado a 2 285 pessoas e organizações, constantes de uma relação especial. Recebiam-no tôdas as cadeias de televisão e rádio dos Estados Unidos, as principais agências de publicidade e patrocinadores de programas, jornais e comentaristas mais importantes, emprêsas cinematográficas, produtores, livrarias editôras e sindicatos teatrais. Seus primeiros efeitos logo se tornaram evidentes. Os patrocinadores começaram a cancelar sua publicidade no programa radiofônico de Faulk. Os convites para aparecer na televisão cessaram brus-

camente. Pelos telefonemas desesperados de seus superiores comerciais e pelos novos olhares críticos de alguns de seus amigos, Faulk compreendeu que o mundo começava a desabar em tôrno dêle.

Exemplo Assustador

AS ACUSAÇÕES envolviam algo mais do que um ataque pessoal contra Faulk. A questão das listas negras vinha fermentando havia anos, e em abril de 1955 desabara a tempestade. Numa reunião da seção nova-iorquina da Federação Americana de Artistas de Rádio e Televisão (AFTRA),



John Henry Faulk como é hoje

foi apresentada uma moção condenando a Aware pelos seus “métodos aviltantes de inferências e insinuações”, que “privavam atôres de seus empregos”.

Seguiu-se um longo e furioso debate, pois a Aware tinha ardentes adeptos no sindicato. Mas a moção foi afinal aprovada por 982 contra 514 votos—ou seja, quase dois a um, e, em conseqüência, realizou-se nova eleição de diretoria. Para que ficasse bem clara a situação, foi escolhida uma chapa de candidatos vigorosamente anticomunistas. Intitulavam-se candidatos do centro, que se opunham igualmente ao comunismo e às listas negras. Mas a vitória dessa chapa não foi aceita com resignação pela Aware, Inc., Vincent Hartnett, nem seu aliado Laurence A. Johnson, rico proprietário de supermercados, de quem provinha o poder econômico que contribuía para a eficácia dos relatórios Hartnett.

De todos os diretores recém-eleitos para a AFTRA, contrários às listas negras, o que recebeu maior número de votos foi John Henry Faulk, um dos vice-presidentes. E assim, a Aware, Hartnett e Johnson—impelidos por ferozes convicções de patriotismo e amor ao poder—resolveram atacar a oposição acusando Faulk e derrubando-o. Tinham a esperança de fazer dêle um exemplo assustador.

Foram mais bem sucedidos do que jamais sonharam. Acabaram por expulsar Faulk da indústria de entretenimento. Destruíram sua reputa-

ção, reduziram-no, juntamente com sua família, praticamente a uma situação de fome, deixaram-no desempregado e sem possibilidade de arranjar emprêgo durante seis anos e meio. Na eleição seguinte da AFTRA, os partidários da Aware foram reintegrados no poder. O triunfo fôra completo.

Mas fôra completo demais. Acontecia que um homem fôra injustiçado, e dessa vez, passados alguns meses do aparecimento do boletim, êsse homem resolveu reagir. O resultado foi uma luta como nunca se vira antes nos anais da justiça americana.

Cascavel ou Coral?

FAULK causou-me excelente impressão quando o conheci. Correto e invariavelmente cortês, êle parecia muito mais jovem do que era. Tinha 42 anos. O paletó de tweed e o cachimbo davam-lhe um ar agradável de professor, e tinha um nítido sotaque texano—sua cidade natal é Austin. Além disso, possuía o dom de imitar a gente do Sul, e surgiam constantemente na sua conversa as frases simples e pitorescas que usavam.

Dentro de pouco tempo, eu tinha um glossário de seus mordazes ruralismos sulinos. “O ganso voa alto” significava que êle estava de bom humor. “Êle mente a crédito quando poderia falar a verdade à vista”, dizia êle para definir um mentiroso contumaz. “Cortar lenha no algo-doal” era a sua maneira de dizer que as coisas andavam difíceis. Ou en-

tão: “É uma briga feia com um bastão curto.”

Os antecedentes de Faulk eram de cultura e patriotismo. Tinha diploma de Bacharel em Letras da Universidade do Texas, onde dera aulas enquanto preparava a tese de doutorado em Filosofia. Sempre se sentira fascinado pelo folclore americano, principalmente pelos sermões dos antigos pregadores negros, cheios de lances de imaginação poética. Faulk andara pelo Sul estudando êsse aspecto em via de desaparecer, e gravando os sermões. Às vêzes, era convidado a recitá-los—e foi essa a sua iniciação mais ou menos acidental como artista. Suas pesquisas lhe valeram duas bôlsas de estudo, uma delas da Fundação Rockefeller.

Quando os japônêses atacaram Pearl Harbor, Faulk tentou alistar-se no Exército. Tinha um estrabismo que o tornava cego do ôlho direito, e foi recusado. Decidido a servir, conseguiu alistar-se na Marinha Mercante. Passou vários meses a bordo de um petroleiro, transportando combustível de aviões entre Nova York e a Inglaterra. Vários navios de seu comboio foram afundados. Seu próprio navio sofreu avarias e ficou retido em terra. Impaciente, êle ingressou na Cruz Vermelha e aceitou um lugar de diretor-assistente de um programa no Egito.

As exigências do exame médico no Exército foram reduzidas em 1944, e Faulk apresentou-se novamente como voluntário, sendo aceito para serviço limitado como soldado raso.

Conferências que fazia ocasionalmente levaram-no a universidades e igrejas e chegou a comparecer a uma reunião de agentes do FBI. Seu tema principal era “A Tradição Americana”.

Parecia impossível que se desprezassem antecedentes como êstes num relatório sôbre a lealdade ou deslealdade de um homem à sua pátria. Mas nada disso foi incluído no boletim da *Aware*.

Faulk resolveu que o pleito não devia ser apenas um processo de calúnia, mas também um desmascaramento da técnica das listas negras. Estava disposto a lutar por princípios. Entusiasmei-me com a idéia, mas fui obrigado a adverti-lo de que enfrentávamos muitos obstáculos. Era sabido que a televisão e o rádio pareciam estar entregues ao sistema das listas negras—mas até então ninguém tinha provado ou refutado essas acusações.

Muitos negavam que houvesse uma lista negra. Mas, cada vez que um artista era atacado, verificava que misteriosamente ninguém mais o convidava para nada. Os agenciadores de talentos descobriam que o astro de há pouco “sùbitamente contraíra lepra”. Êles sabiam o que tinha acontecido; mas raramente sabiam como e por que acontecera, e a discrição não lhes permitia fazer perguntas, pois do contrário poderiam também cair no ostracismo.

Quais seriam os réus no nosso pleito? Vincent Hartnett, evidentemente, e a *Aware*, Inc. Mas achávamos

que também Laurence A. Johnson devia ser citado. Embora Hartnett fizesse suas acusações através da *Aware*, era Johnson que completava o quadro com a ameaça de sanções econômicas contra os patrocinadores, as agências de publicidade e a indústria de radiodifusão.

Johnson, um homem de cabelos brancos e aparência bondosa, com setenta e tantos anos, estava convencido de que os comunistas se vinham infiltrando no rádio e na televisão. Tornara-se famoso nos círculos radiofônicos como "o vendeiro de Syracuse". Possuía seis supermercados em Syracuse, Nova York, os quais, mediante uma ordem sua, podiam facilitar ou prejudicar as vendas de qualquer produto que êle entendesse. Era também um dos diretores da Associação Nacional de Supermercados, e gabava-se de exercer contrôlo indireto sôbre milhares de pontos de vendas.

Aumentando ainda mais sua influência, Johnson usava duas organizações para expedir protestos inflamados, denunciando atôres que considerava suspeitos. Uma dessas era a Comissão Executiva dos Veteranos dos Supermercados de Syracuse—um grupo de seus próprios empregados. A outra era o Comitê Anti-Subversivo de uma seção da Legião Americana (organização de ex-militares americanos), da qual o presidente era íntimo amigo de Johnson. Depois da publicação do boletim da *Aware*, êsse comitê mandou aos diversos patrocinadores dos programas

de Faulk uma carta cheia de veneno, apontando Faulk como traidor. Enquanto isso, Johnson percorria pessoalmente agências de propaganda e patrocinadores, pedindo o boicote de Faulk.

Faulk definiu perfeitamente a situação quando lhe perguntaram um dia se atribuía suas dificuldades mais a Hartnett ou a Johnson: "A pessoa não discute se foi mordida por uma cascavel ou uma coral."

Aware, Hartnett e Johnson tinham reduzido a radiodifusão, que era, por ordem de importância, a quinta indústria dos Estados Unidos, a uma situação de boicotes ilegais postos em prática num silêncio conspirativo. Mas conseguiríamos nós obter provas satisfatórias? Poderia um júri ser convencido de que uns poucos homens, agindo em caráter particular, tinham capacidade para dominar essa grande indústria e obrigá-la a adotar seus processos antiamericanos de acusações secretas, secretamente tornadas compulsórias?

Foi essa a missão que nós empreendemos.

"Êles me Cercaram"

INICIAMOS o processo em junho de 1956. Nessa ocasião, Faulk ainda fazia programas para a rede radiofônica da Columbia Broadcasting System, embora tivesse perdido todos os outros contratos. Devia sua permanência no emprêgo a Charles Collingwood, presidente da seção de Nova York da AFTRA e também respeitado artista da CBS, e ao eminente

radialista Edward R. Murrow, que era então um dos diretores da Columbia. Os dois intervieram a favor de Faulk, insistindo em que êle não fôsse demitido em consequência de pessão de listas negras.

O tempo, porém, contava a favor dos réus. Para definição da controvérsia e redução da causa à sua essência, a lei permite a cada uma das duas partes contestar a validade dos argumentos da outra e com isso eliminar digressões provocadoras de confusão. Fomos assim envolvidos numa disputa preliminar que durou dois anos—durante os quais Murrow terminou sua ligação oficial com a CBS e Collingwood perdeu o cargo na diretoria do sindicato. Afastados êsses dois, a CBS finalmente cedeu ao ataque persistente da *Aware*. Faulk foi despedido da rádio, perdendo a única fonte de renda que lhe restava.

Através dos anos, Faulk recebera e recusara muitas ofertas interessantes. Tentou então renovar essas oportunidades. E eu vi, com desânimo, que, uma a uma, tôdas as portas se lhe fechavam e configurava-se claramente um quadro de completo desmprêgo. Faulk tinha mulher e quatro filhos, e sua incapacidade de ganhar a vida criou em seu espírito um pêso suficientemente grande para arrasar um homem. Entretanto, cada vez que eu lhe perguntava como iam as coisas, a resposta era sempre a mesma: "O ganso voa alto."

Uma das suas melhores perspectivas era uma grande estação de rádio em Mineápolis. Supondo que um

golpe de sorte punha Faulk ao seu alcance, o gerente escreveu-lhe dizendo que êle seria a principal figura da estação. E ofereceu-lhe um ordenado que poderia chegar a 100 000 dólares anuais.

Faulk agarrou-se à oportunidade. O gerente foi de avião a Nova York, levou Faulk e a espôsa para Mineápolis, e Faulk passou a aparecer em todos os programas da WCCO para anunciar a sua nova sede radiofônica. O entusiasmo era grande. Estava tudo combinado. Iam ser assinados contratos.

E então, de repente, foi sugerido que Faulk voltasse com a mulher para Nova York. Seria chamado depois. Nunca mais ouviu falar no assunto.

Duas outras estações, uma de Nova York, outra de São Francisco, lhe fizeram ofertas. Também estas recuaram misteriosamente no último instante. Mais tarde, apresentamos provas de que Hartnett falara com o pessoal da estação de Nova York, dizendo-lhes acreditar que as declarações do boletim eram verdadeiras. A estação de São Francisco também se esquivara devido aos "problemas judiciários de Johnny com a *Aware*".

Quando Faulk estava ainda no ar, era insistentemente convidado para conferências. De repente, não foi mais procurado. Por fim, chegou ao extremo de pedir trabalho na televisão como extra, para posar sob as luzes, nos ajustamentos de câmara, enquanto o artista principal descansava. Nem isso arranjou.

Disse então à mulher, tristemente: “Acho que êles me cercaram.”

Uma Confissão Condenatória

COMEÇAMOS OS interrogatórios preliminares. Tínhamos o direito de inquirir os réus sob juramento, e êles podiam inquirir Faulk. Essas audiências proporcionam às duas partes a oportunidade de passar em revista as provas antes do julgamento.

Foi assim que conheci Vincent Hartnett. Dificilmente se poderia imaginar uma figura menos imponente para um tirano que infundira terror no coração de tanta gente. Era um homenzinho frágil e tímido de cêrca de 40 anos, com uns 56 quilos de pêso no máximo. Seus olhos escuros pareciam assustados, e tinha voz hesitante, com tendência a gaguejar.

Comecei a interrogar Hartnett sôbre a maneira como êle pesquisava os antecedentes políticos dos atôres. Eram sessões prolongadas e cheias de hostilidade. Certo dia aconteceu algo espantoso. Tinham sido feitas várias perguntas relativas às acusações do boletim da *Aware* de que, “segundo o *Daily Worker*, ‘Jack Faulk’ deveria aparecer no Clube 65, local muito procurado para reuniões pró-comunistas”. Hartnett confessou que nunca apurara junto aos outros artistas incluídos no programa se Faulk estivera de fato presente; que nunca ouvira chamarem Faulk de “Jack”; que não verificara se havia um artista negro chamado Jack Faulk—pois acontecia que o espetá-

culo era exclusivamente de negros; e assim por diante. Posteriormente, ficou provado que se tratava de uma reunião anticomunista e que o Clube 65 não era “um local de reuniões comunistas”.

Com relutância, pela primeira vez, Hartnett começou a admitir que talvez tivesse incorrido em êrro.

P. Examinamos apenas uma das acusações, isto é, a de aparecer no Clube 65. O senhor agora duvida sèriamente de que tenha sido assim?

R. Não sei. De fato. O interrogatório faz realmente surgir uma dúvida.

As respostas dêle criaram uma nova vibração no ar. Interrogado sôbre a eliminação profissional daqueles que poderiam ter emprestado seus nomes inocentemente a uma ou duas organizações de nomes bem-soantes, que só mais tarde foram condenadas como frentes comunistas, êle declarou que talvez tivesse sido demasiado severo em seu julgamento de tais casos.

Mais tarde, revolvendo mais o espírito dêle, surgiu sùbitamente a mais comprometedora das confissões. Hartnett e seu advogado tinham começado dizendo que, afinal de contas, não havia nada no boletim da *Aware* que dissesse que Faulk era comunista ou simpatizante comunista.

P. Segundo entendo, o senhor nunca acusou o Sr. Faulk de ser comunista, não é verdade?

R. Exato.

P. E nunca o acusou de ser simpatizante comunista?

R. Passaram-me um monte de informações falsas.

Rezei para que o meu rosto não revelasse o choque que essas palavras provocaram. Êle, o investigador, o pesquisador, estava confessando que errara. Mas tinha feito aquela declaração com tanta displicência que seria imprudente alertá-lo para o fato, levando-o a retirá-la ou modificá-la, o que poderia acontecer se eu revelasse surpresa ou começasse a atacá-lo.

Enquanto o interrogatório continuava, Hartnett disse mais:

P. Agora vou lhe perguntar: se Faulk recebesse hoje uma oferta para aparecer na televisão, o senhor daria a sua aprovação e desejaria que êle fôsse empregado?

R. Sim.

Pouco depois a sessão foi suspensa e eu e o advogado de Hartnett fomos almoçar juntos para discutir os acontecimentos.

A disposição de restaurar a possibilidade de emprêgo de Faulk era um grande passo para a solução do caso mediante acôrdo. Só restavam dois outros itens: retratação franca e pedido de desculpas e uma importância para indenizar Faulk por suas perdas. O primeiro não oferecia dificuldades. Foi-me dito que eu mesmo poderia redigir o documento. Mas quanto a pagamentos, o advogado disse que o dinheiro era limitado.

Johnson não contribuiria com coisa alguma. Não obstante, poderia ser levantada uma pequena soma, talvez uns 10 000 dólares.

—Aqui está uma oportunidade para reiniciar sua carreira com honra —disse eu a Faulk.—O senhor ganhará muito dinheiro e pagará suas dívidas. Não precisa preocupar-se com os nossos honorários. A retratação será tão enérgica quanto o senhor desejar. Sairá triunfante aos olhos do público. Nós achamos que o senhor deve pensar nisto sèriamente.

A reação de Faulk foi absolutamente firme. Se êle aceitasse o acôrdo, disse, Aware, Hartnett e Johnson continuariam no negócio de listas negras como sempre. Escapariam à denúncia num tribunal. E implorou-nos que concluíssemos a tarefa, garantindo-nos que, acontecesse o que acontecesse, nunca lamentaria o sacrifício feito.

Concordamos, e sua decisão foi acertada.

Semanas, Meses, Anos

RESULTOU que, de qualquer maneira, não havia possibilidade de acôrdo. Ao fim de duas semanas, recebemos uma carta comunicandonos que os advogados dos réus haviam sido substituídos. Quando recomeçou o seu interrogatório, Hartnett repudiou tôdas as concessões que fizera. “O Sr. Nizer me desnor-teou”, declarou êle. “Eu já não sabia o que dizia.”

Hartnett passou então a receber constantes instruções de seus novos

advogados para não responder a perguntas na inquirição preliminar. Êle não voltaria às audiências enquanto não fôsse obrigado a isso por ordem judicial. Cada passo à frente era obstruído e contestado, exigindo numerosos requerimentos ao juiz. Dificuldades semelhantes foram encontradas quando procuramos inquirir Lawrence Johnson. E assim o processo se foi arrastando durante semanas, meses, anos.

Enquanto isso, as dívidas de Faulk iam crescendo, e êle continuava sem arranjar emprêgo. Afinal, tentou vender títulos, depois vender enciclopédias. Nenhuma das duas coisas deu certo. Voltou então para Austin, no Texas. Havia lá uma minúscula estaçãozinha de rádio de 250 watts — das menores que podia haver no mundo. Faulk pediu um emprêgo.

Causou assombro à estação de Austin que aquêle artista nacionalmente famoso se dignasse a trabalhar na rádio da sua cidade natal. Foi preparado imediatamente um contrato. Mas depois, quando êle estava em Nova York preparando-se para a mudança, chegou uma carta expressa: "Surgiu inesperadamente um problema que não me é permitido revelar." O emprêgo não existia mais.

Os desastres se sucediam. O senhorio de Faulk deu-lhe ordem de despejo por falta de pagamento do aluguel. Desesperado, mudou-se para Austin, onde êle e a mulher fundaram uma "agência de publicidade", com sede na sua sala de estar. Tra-

balhando com energia e coragem, fizeram 2 500 dólares brutos no ano de 1959—o que não chegava para sustentar a família. Era um resultado patético, em comparação com os 35 000 dólares anuais que Faulk ganhava na CBS.

Durante êsses meses desesperadores, nós íamos-lhe mandando longos relatórios sôbre o lento progresso que fazíamos. Pedíamos que êle continuasse resistindo. Afinal, quase sete anos depois da primeira calúnia levantada contra êle, conseguimos chamá-lo de volta a Nova York para aparecer em júizo.

Monte de Provas

THOMAS A. BOLAN seria o principal advogado de defesa, assistido por John F. Lang, ex-agente do FBI. Sentei-me em frente a êles, na mesa larga, na extremidade mais próxima do júri. Junto de mim estava o meu sócio, Paul Martinson, e depois nosso assistente, George Berger, que lidava com as volumosas pastas. Vinha por último Faulk, bem em frente a Hartnett, uma confrontação adequada.

Levou-se dia e meio para escolher um júri. Os advogados fizeram suas declarações iniciais. Depois eu disse: "Sr. John Henry Faulk, queira tomar lugar no banco das testemunhas."

Êle passou pela mesa dos advogados, tocando meu ombro, num gesto de quem deseja sorte, e subiu à plataforma. Depois de prestar juramento, sentou-se, ladeado pelo Juiz

Abraham N. Geller à direita, os jurados à esquerda, e uma sala repleta à frente, todos a olhá-lo atentamente.

Comecei a fazê-lo recapitular sua vida, sua educação, seu serviço militar. E puxei por êle para que desse suas opiniões sôbre o comunismo.

FAULK: Uma filosofia muito hostil e destruidora, pela qual nunca tive a menor simpatia, nem tenho atualmente.

Passei então à carreira dêle. Depois de dar baixa no Exército honrosamente, êle fôra convidado pela CBS para usar suas aptidões como educador e humorista no rádio (a televisão ainda não estâva em moda). Recapitulei o caminho percorrido, fazendo-o recordar os diversos programas radiofônicos nacionais em que fôra mestre-de-cerimônias. Êle continuara também aperfeiçoando sua técnica de conferencista, fazendo palestras em benefício de tôdas as boas causas imagináveis: a Cruz Vermelha e outras grandes instituições de caridade, a par de igrejas de tôdas as denominações. Lembramos seu aparecimento na televisão: primeiro como participante de mesas-redondas de jogos, humorismo, perguntas e respostas, depois como mestre-de-cerimônias de um dêles. Afinal, teve o seu próprio programa: "O Show de John Henry Faulk."

Faulk falou nas centenas de vezes em que apareceu na televisão antes de ser publicado o bolêtim da Aware. Oito programas o tinham como figu-

ra principal, ou eram apresentados em seu nome. Cinco eram transmitidos em cadeia nacional. No ano anterior ao ataque da Aware, êle aparecera nas telas da televisão 65 horas ao todo, perante muitos milhões de espectadores. Em nossa opinião, Faulk estava perto do superestrelato quando sua carreira foi bruscamente cortada e a CBS o despediu. Seria alegado que isso acontecera por que êle trabalhava mal? Era importante demonstrar o seu prestígio para que o verdadeiro motivo da demissão pudesse ser discernido pelo júri.

Continuamos apresentando aos jurados provas diversas, amontoando pormenores e mais pormenores, até que a mesa dos advogados ficou carregada de documentos. No fim, o monte de papéis nos impedia de ver Hartnett—como se o monumento das realizações de Faulk constituísse uma barreira entre nós.

Nos Bastidores

TENDO deixado bem claro pelo menos isso, fizemos Faulk descer da tribuna e chamamos outra testemunha: o produtor David Susskind.

Susskind fôra o responsável pela apresentação de várias séries dramáticas de primeira qualidade na televisão, bem como pelo programa de debates, "Open End". Fôra também produtor de peças da Broadway e de vários filmes. As listas negras eram apenas teóricas, ou eram uma realidade? O seu testemunho teria autoridade.

Susskind vendera um espetáculo intitulado "Encontro com a Aventura" a uma agência de publicidade. E testemunhou:

A condição da venda era que os nomes de todo o pessoal de todas as categorias em todos os programas fossem apresentados para liberação política pela agência, e que ninguém fosse contratado sem prévia aprovação da agência.

Só para esse programa ele apresentou—por telefone, conforme as instruções recebidas—cerca de 5 000 nomes num ano. Desses, aproximadamente um terço foi rejeitado por motivos políticos.

As objeções do advogado dos réus, Bolan, vinham com uma precisão de metralhadora, mas foi permitido à testemunha contar a sua conversa com um vice-presidente da agência:

Eu disse: "A produção do programa está sendo seriamente prejudicada." E ele respondeu: "Nada posso fazer. É a praxe. Nós temos de pagar cinco dólares por liberação e dois dólares por verificação. Acha que é por gosto? Isso nos está custando um dinheirão."

Lemos um trecho da inquirição preliminar. Hartnett nos dissera que tinha um acordo com aquela agência para controlar os nomes dos artistas que lhe fossem apresentados para "Encontro com a Aventura":

... a fim de verificar se havia contra eles alguma informação desfavorável. O primeiro relatório

custaria cinco dólares. Um relatório mais longo poderia custar 20 dólares, ou mais. E uma nova verificação sobre a mesma pessoa custava em geral dois dólares.

As confissões do próprio Hartnett se encaixavam no depoimento de Susskind como peças de um jogo de armar. É assim que a verdade se restabelece.

Por esses relatórios, Hartnett recebia aproximadamente 9 000 dólares durante o ano. (Pelos seus serviços relacionados com outro espetáculo de Susskind, ele recebeu de outro patrocinador quase 7 000 dólares num ano e 10 000 em outro.)

Que dizia Susskind aos atores que Hartnett rejeitava? O vice-presidente encarregado da conta de um dos patrocinadores dera as instruções: "Diga apenas que mudou de idéia, ou então que, 'pensando bem, ela não tinha altura suficiente', ou que 'o artista principal é muito baixo'. Nunca diga que há algum motivo de natureza política."

Mesmo que um ator aparecesse muitas vezes numa série, precisava ser liberado cada vez e, naturalmente, era preciso pagar a taxa correspondente. Ninguém estava isento.

SUSSKIND: Precisamos de uma menina de sete ou oito anos para um papel. Foi-nos difícil encontrar uma criança que representasse bastante bem. Encontramos uma menina de oito anos. O seu nome voltou como inaceitável, politicamente suspeito.

Houve na sala uma explosão de risos e comentários que o Juiz Geller fez cessar imediatamente. Susskind continuou. Pedindo nova verificação como protesto, disse êle, ficou sabendo que a menina fôra incluída na lista negra porque seu pai era considerado "suspeito". E êle foi forçado a procurar outra criança.

A coragem de Susskind em romper o silêncio sôbre as listas negras no seio da indústria contribuiu para abrir a porta a outras testemunhas. Segundo o seu depoimento, "o sistema era generalizado na televisão".

Na prova de perdas e danos, a lei permite também a avaliação de futuras probabilidades. Acentuamos que Faulk era uma personalidade na televisão, com um número considerável de fãs. Os artistas de seu gênero muitas vêzes se tornam mais famosos e são mais bem pagos do que um ator dramático que apenas representa o seu papel. Pedimos a opinião de Susskind como especialista no assunto:

P. Tomando por base a sua experiência, qual lhe parece a posição de John Henry Faulk nessa categoria?

R. Êle era excepcionalmente dotado nesse setor da televisão—comunicativo, espirituoso, engraçado, simpático, inteligente, bem-falante. Acho que era um dos melhores que já conheci até hoje.

P. Qual a faixa de salários de uma personalidade assim?

R. De um mínimo de 150 000 a 200 000 dólares por ano até um

milhão de dólares anuais, no caso de vários artistas.

E teria Faulk chegado a uma situação de prestígio como essa se não houvesse sido arruinado pela Aware? Sim, Susskind acreditava que sim.

Sete Acusações Respondidas

FAULK voltou ao banco das testemunhas, e passamos a uma descrição dos acontecimentos que o tinham envolvido: as tempestuosas reuniões da AFTRA sôbre as listas negras; a condenação da Aware pelo sindicato e a eleição de nova diretoria; depois, a grande represália—o boletim e as suas sete acusações.

As repercussões tinham sido imediatas. Um patrocinador cancelou o seu programa no mesmo dia. Um dos diretores da CBS sugeriu que Faulk assinasse uma declaração de patriotismo, sob juramento. Faulk assim fêz, mas isso não deteve a ofensiva de Johnson e da Legião Americana de Syracuse. Provas de tudo isso constavam dos autos.

Chegamos então ao ponto vital de qualquer processo por calúnia—a verdade ou falsidade das acusações. Contestamos até os trechos preliminares do boletim da Aware, quando dizia que, nas eleições, embora a chapa centrista atacasse a Aware, mantinha-se "relativamente silenciosa quanto a comunismo".

FAULK: Precisamente o contrário é que é a verdade. O item principal da nossa plataforma dizia que

Você Pode Ajudar a Reabilitar uma Pessoa Cega

A FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL, levando avante seu programa de promoção do bem estar das pessoas cegas, instalou em novembro de 1962 o primeiro Centro de Reabilitação de Cegos do Brasil. Pelo C.R., situado à Rua Cunha 65 - SP — Capital, já foram reabilitados 41 cegos, que receberam treinamento nas atividades da vida diária, uso dos sentidos, técnica de locomoção, fisioterapia, comunicação e terapia ocupacional. Foram auxiliados pelo Serviço Social a enfrentar as limitações decorrentes da condição de cegueira e, pela orientação profissional, a formular planos de trabalho. Aprenderam o sistema braille e a datilografia, bem como a fazer bom uso da audição, do tato, do olfato e da percepção espacial. Foram treinados no uso técnico da bengala longa e nas técnicas básicas para o funcionamento independente e adequado. Assim, são capazes de banhar-se, barbear-se, maquilar-se, servir-se de alimentação e utilizar adequadamente os talheres. Melhoraram as condições físicas gerais, corrigiram vícios de postura e adquiriram equilíbrio no caminhar. Presentemente estão aptos a levar vida independente e digna, sendo capazes de prover sua subsistência e a de seus dependentes.

Para que outros cegos tenham a mesma oportunidade, a F.L.C.B. precisa de você. Ofereça sua contribuição à FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL, Rua Dr. Diogo de Faria, 558 - Vila Clementino - SP - Capital.

éramos incondicionalmente contrários ao comunismo.

O boletim dava a relação de 14 membros da AFTRA que se tinham recusado a responder a perguntas perante a Comissão Parlamentar de Inquérito Sôbre Atividades Anti-americanas.

P. Algum desses membros tinha alguma relação com a chapa do Centro?

R. Absolutamente nenhuma.

P. O senhor alguma vez se recusou a responder a alguma pergunta relativa ao seu patriotismo, ou deixou de responder a alguma pergunta receando que pudesse incriminá-lo?

R. Absolutamente não.

Sentimos que os jurados se inclinavam para a frente na tribuna quando fomos chegando às respostas de Faulk às sete acusações do boletim. Li cada uma das especificações na íntegra e interroguei-o sôbre todos os detalhes.

Não, êle nunca se apresentara no Clube 65. Nunca tinha ouvido falar no Clube 65 antes do boletim. Não, êle nunca fôra conhecido como "Jack Faulk".

Com negativas categóricas da mesma natureza respondeu à acusação de que, "segundo o *Daily Worker*", êle deveria participar da inauguração do Cabaré Headline, patrocinada pela organização Palco Para Ação, "oficialmente considerada uma frente comunista". A data em questão era 20 de abril de 1947;

o local, Nova York. Provamos que Faulk estava no Texas nessa data.

Com referência à terceira acusação, Faulk declarou que—como fizera para outras organizações—ê ele tinha contribuído com números de cabaré para uma revista montada pelos Cidadãos Progressistas da América, durante a campanha de Henry Wallace, e fôra pago pelo seu trabalho. Mas não era membro da organização e não achava que esta fôsse, como alegava o boletim, uma “frente comunista”. Disse saber que Harold e Henry Morgenthau, que haviam sido membros do Gabinete do Presidente Roosevelt, e muitos outros americanos eminentes figuravam entre os seus fundadores, e que a organização “não tinha relação de espécie alguma com o comunismo”.

P. O material apresentado pelo senhor tinha alguma feição ideológica?

R. Não. Creio que poderia ser considerado simplesmente engraçado. Imagino que o senhor o consideraria assim. Não tinha segundas intenções.

A quarta acusação era a mais insidiosa, e revelava claramente a má fé dos réus. Dizia que “um programa datado de 25 de abril de 1946 citava Faulk (juntamente com um comunista fichado) como contratado do Comitê de Artes, Ciências e Profissões dos Cidadãos Independentes (oficialmente designado como frente comunista)”.

NÔVO E EFICIENTE TRATAMENTO DAS HEMORRÓIDAS!

ALIVIA A DOR
ELIMINA A IRRITAÇÃO
CICATRIZA



Resultados positivos sem recorrer à operação - A ciência agora coloca ao alcance de todos um meio moderno e eficiente no tratamento das hemorróidas, que combate eficazmente a hemorragia e a irritação, mesmo nos casos graves.

Alívio imediato da dor - À base de Extrato Sêco de Levedura Ativa e Vitamina A, o Preparado H alivia a dor e renova os tecidos lesados.

Dispensa de uso de adstringentes - Total eficácia, mesmo em casos crônicos, sem auxílio de adstringentes.

Não deixe o mal tornar-se crônico!
Comece o tratamento



o quanto antes, e comprove os resultados positivos que obterá. O Preparado H encontra-se à venda, em forma de Pomada ou Supositório, em tôdas as Farmácias e Drogarias.

P. O senhor pode-nos dizer em que ocasião foi isso?

R. Foi no primeiro aniversário das Nações Unidas, num jantar oferecido em comemoração. Os homenageados eram todo o Conselho de Segurança.

JUIZ: O Conselho de Segurança?

R. O Conselho de Segurança das Nações Unidas. O jantar foi patrocinado por algumas das mais eminentes e respeitadas organizações dos Estados Unidos. Foi presidido pelo Excelentíssimo Senhor Trygve Lie, que era na época Secretário-Geral das Nações Unidas. Falou Edward Stettinius, Secretário de Estado Americano.

A CBS irradiara o programa e pedira a Faulk para ser o seu animador naquela noite.

As outras acusações caíram rapidamente. Êle não mandara cumprimentos a Canções Populares, um grupo folclórico. O boletim declarava que Faulk fôra incluído entre os artistas que apareceriam na Escola Jefferson, "a escola oficial de preparação da conspiração comunista em Nova York".

P. O senhor chegou a aparecer na data que êles mencionam, ou em qualquer outra data?

R. Não senhor. Nunca me apresentei lá.

Por último, Faulk nada sabia sobre o Congresso Continental Americano da Paz, realizado na Cidade do México, não comparecera e nem sequer ouvira falar nêle até à publi-

cação do boletim. Assim, tôdas as facêtas do calunioso documento foram examinadas e negadas ou desmentidas.

Ao todo, mantivemos Faulk no banco das testemunhas durante seis dias. E êle agora tinha a enfrentar uma longa e exaustiva reinquirição.

Nuvens de Tempestade

Nossos adversários acreditavam que a melhor defesa era um ataque agressivo. Bolan tentou imediatamente amesquinhar, diminuir e ridicularizar Faulk. Êle não fôra um mero *disc jockey*? Faulk respondeu que não. Depois, foi acusado de exagerar o seu sotaque, de ser um "texano profissional", de representar o papel de um ignorante.

Daí a pouco o ataque se intensificou com a insinuação de que sua demissão fôra provocada pelo seu insucesso como artista e pela queda dos índices de audiência.

P. A CBS lhe ofereceu oportunidade de demitir-me em 1955 (antes da acusação), em vez de ser despedido?

R. Não.

P. O senhor escreveu uma carta pedindo demissão?

R. Escrevi.

Bolan apresentou a carta como prova. (Na realidade o incidente fôra favorável a Faulk, mas nós tínhamos de esperar a oportunidade de demonstrá-lo.)

Foi então que a defesa lavrou seu tento mais importante, e muito na-

turalmente Bolan nunca deixou que os jurados o esquecessem.

P. Em 1957, Sr. Faulk, o senhor ganhou mais dinheiro do que nunca até então ganhara?

R. De fato.

Grças à intervenção de Murrow e Collingwood e também devido à firmeza da CBS na época, Faulk fôra mantido na sua hora de rádio, e tinha prosperado durante um ano e meio depois da calúnia. Passado êsse tempo, foi despedido. Era como um homem acometido de uma doença fatal e que se conserva em atividade durante um ano. Mas êsse lapso de tempo dava crédito ao argumento dos réus de que as dificuldades de Faulk decorriam, não de calúnias, mas de sua própria incompetência. Bolan passou dias martelando êsse e outros assuntos correlatos—os índices de popularidade de Faulk, sua alegação de ter perdido patrocinadores, e suas declarações de renda de 1952 a 1957.

O ataque de uma reinquirição não difere muito de uma tempestade. Vê-se a formação das nuvens. Estas se tornam mais carregadas. Depois, há relâmpagos assustadores, seguidos de trovoadas ensurdecadoras. Bolan começou então a esmiuçar todos os detalhes dos movimentos de Faulk quando servia na Marinha Mercante, na Cruz Vermelha e no Exército. Eu via os homens do lado dos réus anotando furiosamente: estava em andamento uma campanha para apará-lo em contradições.

P. O senhor algum dia compareceu a reuniões do Partido Comunista?

R. Absolutamente não.

P. Chamo sua atenção para o mês de fevereiro de 1944, em Austin, Texas, e pergunto se o senhor esteve numa reunião do Partido Comunista, em casa de uma certa Ina May Bull?

R. Não estive.

P. Foi oferecida em casa dela uma festa em sua honra, promovida pela seção local do Partido Comunista, em fevereiro de 1944?

R. Absolutamente não.

P. O senhor conheceu em Austin um homem chamado Max Straus?

R. Já ouvi êsse nome, mas não me lembro mais dêle.

P. O senhor esteve numa reunião do Partido Comunista em casa dêle, em abril de 1944?

R. Definitivamente não. E o senhor sabe muito bem que não estive.

Furioso com as imputações, Faulk quase se levantou da cadeira quando lançou ao advogado esta resposta irada. Eu também me levantei de um salto, protestando. Houve uma fúria generalizada. Os advogados foram chamados à mesa para acalmarem os ânimos. Mas quando Bolan recomeçou o interrogatório, continuou a fazer perguntas do mesmo gênero.

Um advogado nunca deve fazer à testemunha uma pergunta que a incrimine, se não tiver prova do

crime. Fazer isso é considerado uma falta de ética, que o júri raramente perdoa. Teria então a defesa feito perguntas sobre comparecimento a reuniões comunistas, se não esperasse apresentar provas? Nenhum de nós tinha a menor dúvida sobre a veracidade das negativas de Faulk—e até mesmo Hartnett, nas inquirições preliminares, jurara que “não acusava Faulk de comunista ou simpatizante comunista”. O que temíamos era a apresentação de testemunhas falsas que o comprometessem.

Um Trote

QUANDO chegou a vez da nossa reinquirição, demonstramos por que motivo Faulk apresentara sua demissão em 1955—antes da calúnia. Na realidade, êle tinha recebido proposta de uma situação melhor nas estações do Texas, controladas pela Sr.^a Lyndon Johnson, espôsa do atual Presidente, e por isso escrevera uma carta em que lamentava ter de pedir demissão da CBS. Mas aconteceu que os superiores imediatos de Faulk e o Dr. Frank Stanton, presidente da CBS, lhe pediram para ficar, e êle cedeu. Prepararam então uma carta retirando o seu pedido de demissão, e êle a assinou. Lemos essa prova para o júri. Inverteu-se a impressão de que êle fôra obrigado a pedir demissão.

Até então o réu Laurence Johnson ainda não aparecera no tribunal. Alegara que estava doente, e tôdas as nossas indagações sobre seu paradeiro eram recebidas com evasivas, sem

que obtivéssemos qualquer informação. Seria preciso um depoimento pessoal relacionando Johnson com Faulk, pois do contrário seria negado provimento ao processo contra êle.

A articulação que faltava foi suprida por Thomas D. Murray. Trabalhava êle para uma empresa de publicidade e tivera negócios com um patrocinador de Faulk, uma companhia de refrigerantes. Testemunhou que um dia Laurence em pessoa lhe telefonou, apresentando-se como um homem que tinha influência em supermercados cujo volume de vendas era de 18 a 20 milhões de dólares por ano.

MURRAY: Disse êle então que era uma vergonha que nossa firma usasse um comunista, John Henry Faulk, para anunciar os seus produtos.

Respondi que não tinha informações dessa natureza sobre Faulk. E êle tornou: “Pois convém pôr-se em dia.”

Eu disse que não podia aceitar uma acusação daquelas pelo telefone. Havia meios legais de provar se o Sr. Faulk, ou qualquer outra pessoa, era comunista.

Ao que êle respondeu: “Que lhe pareceria se o seu cliente recebesse uma carta de um posto da Legião Americana desta cidade?” Eu disse então que também era veterano e que não podia acreditar que a Legião Americana se prestasse ao que me parecia uma evidente tentativa de chantagem. E êle disse: “Está bem. O senhor verá.”

Murray contou ao seu superior o caso do telefonema, que lhe parecera de pessoa meio desequilibrada. Mas o outro, ao saber que o homem que telefonara era "Larry Johnson, de Syracuse", manifestou grande alarma.

—Isso pode ser dinamite—disse. —É melhor você tomar uma providência o mais depressa possível.

A situação de Murray era a do soldado que responde atrevidamente a outro soldado, no escuro, e depois descobre que ofendeu um general. Tentou telefonar novamente e depois correu de táxi ao hotel de Johnson em Nova York. Do quarto de Johnson ainda não respondiam.

Eu estava muito aflito, e perguntei ao recepcionista: "O senhor pode-me ajudar a encontrar um Sr. Larry Johnson? Preciso falar com êle." O empregado respondeu: "Êle está parado bem ali." Eu então me aproximei e apresentei-me. E Johnson me disse: "Depois da maneira como o senhor me falou, não quero saber de mais nada", e virou as costas e saiu do hotel.

Johnson não perdoava a Murray e sua agência o fato de não se terem curvado imediatamente. O cliente dêles, a companhia de refrigerantes, recebeu uma carta do Comitê Anti-Subversivo da Legião Americana de Syracuse. Essa carta chamava a atenção para "um de seus vendedores, John Henry Faulk", e anexava o boletim da *Aware*. O cliente mandou a carta para a agência, com observa-

ções que imaginamos apropriadas.

Como Johnson havia ameaçado Murray precisamente com uma carta assim, essa carta foi recebida como prova. O Juiz Geller informou o júri de que essa prova poderia ser apreciada para determinar a ligação e responsabilidade de Johnson no caso.

Continuamos chamando testemunhas, muitas delas luminares da indústria de diversões: Charles Collingwood, Tony Randall, Kim Hunter, Joseph Cotten, Garry Moore. Êles precisaram de coragem para depor, pois os elaboradores das listas negras eram ainda poderosos, e o próprio Faulk era um doloroso exemplo do que acontecia aos que se opunham ao sistema.

Essas testemunhas—entre as quais figuravam diretores de televisão e de emprêsas de publicidade—abordaram muitos aspectos do caso. Em certa altura, Gerald Dickler, antigo empresário de Faulk, foi desafiado por Bolan a citar o exemplo de algum artista que tivesse sido banido do ar pelo fato de ter uma posição duvidosa. Dickler contou a história de Philip Loeb, que durante anos representara o papel de Papai Goldberg numa série de televisão, "Os Goldbergs". Despedido porque se tornara "duvidoso", Loeb não conseguiu arranjar trabalho na televisão nem no rádio, e suicidou-se. Mady Christians, que figurava noutra série, foi destituída quando seu nome apareceu numa lista. "Sua vida também acabou em suicídio."

Finalmente, ao cabo de seis semanas e 3 889 páginas de depoimentos, concluímos a apresentação de nossas provas. Agora os inimigos de Faulk teriam de defrontar-se conosco e sujeitar-se à investigação profunda que só a reinquirição proporciona.

“A Testemunha é Sua”

BOLAN resolveu fazer primeiro a defesa da Aware, Inc. Paul Milton, um dos fundadores e diretores da organização, subiu ao banco das testemunhas. Seu depoimento levantou uma muralha de inocência e motivos nobres em torno de suas atividades. Mas, ao ser reinquirido, fêz várias confissões significativas. Embora tivesse colaborado com Hartnett na redação do boletim da Aware, confessava que não tinha informações de haver Faulk comparecido a certas reuniões às quais o boletim sugeria estar êle presente. Hartnett lhe dissera que o Comitê de Cidadãos Progressistas, mencionado na terceira acusação, não era uma frente comunista, e sim apenas uma organização tida como “frente liberal”.

P. Ainda assim, o senhor escreveu “oficialmente considerada uma frente comunista”, não foi?

R. Sim.

Sobre a declaração de que Faulk participara de um programa “com um comunista fichado”...

P. O senhor sabia que essa solenidade era uma homenagem às

Nações Unidas por haver completado cinco anos de existência?

R. Sabia.

P. E o senhor deliberada e propositalmente omitiu essa circunstância?

R. Sim.

Obtivemos uma série de confissões de que fatos fundamentais haviam sido “deliberada e propositalmente” omitidos.

Depois que Milton desceu da plataforma, subiu Hartnett. Também êle tentou revestir de virtude o seu negócio de fornecer dados sobre os antecedentes políticos de artistas. Apresentou uma carta de uma companhia de cigarros agradecendo-lhe a liberação de um ator. Declarou que recomendara que fôsse relaxada a pressão sobre vários artistas. Entretanto, ao mostrar que havia ajudado alguns artistas, demonstrava também que tinha nas mãos o contrôle do destino dêles. Denunciamos o monopolista, mesmo que êle não aumente os preços. Da mesma forma, temos horror à ditadura, mesmo que o ditador seja benevolente.

Antes de deixar que seu cliente fôsse reinquirido, Bolan explorou ao máximo o rico veio de que dispõe o réu num processo de calúnia—o das fontes idôneas. Mesmo que uma publicação seja falsa, e inaceitável como prova, o réu pode atenuar as perdas e danos demonstrando que confiou no que viu ou ouviu. A confiança honesta numa fonte insegura pode indicar que não houve má fé.

O autor sofre durante essa parte do julgamento. São lidos às vezes depoimentos prestados perante uma comissão de inquérito do Executivo ou do Congresso, citando algum idiota; outras vezes, a fonte de informação é uma conversa telefônica cuja origem é difícil de apurar. O réu tem de rezar para que o júri compreenda as instruções do juiz no sentido de que nunca pode ser atribuída a essas notícias a dignidade da verdade.

Passamos assim por horas de agonia enquanto os autos eram inundados de recortes do *Daily Worker*, bilhetes, notas de informações verbais e coisas do mesmo gênero, nas quais Hartnett alegava ter confiado quando formulou as sete falsas acusações contra Faulk. Depois, finalmente, o advogado de Hartnett anunciou: "A testemunha é sua."

Quando encarei Hartnett, havia um vago sorriso nos lábios d'ele. Sabendo que êle estava preparado para a reinquirição, tínhamos resolvido não dar às perguntas uma sequência lógica e sim lançá-las de diferentes direções.

Êle escrevera no boletim da *Aware* que a chapa centrista da AFTRA fôra anunciada em primeiro lugar no *Daily Worker*. Mostramos artigos anteriores a respeito em jornais não comunistas. Um d'êles fôra comentado pela diretoria da *Aware*, e a ata da reunião em que isso ocorrera obrigou-o a reconhecer que sabia a verdade "meses antes" de escrever a mentira.

Hartnett tinha uma ficha sobre Faulk, na qual estava carimbada uma série de iniciais misteriosas. Deciframos o código. PETS, por exemplo, significava uma petição de indicação pelo Partido Comunista. C153 era o índice de 1953 de atas publicadas da Subcomissão do Senado Sobre Atividades Governamentais. Hartnett examinara 13 dessas fontes. Em 11 delas o nome de Faulk nem aparecia. As duas que o incluíam continham referências inocentes. Uma era um artigo da revista semanal *Newsweek*; a outra, um recorte sobre teatro do arquivo da biblioteca pública.

Como Hartnett lutara para encontrar alguma coisa que incriminasse Faulk! Quando viu que a sua minuciosa busca nada revelava, ainda assim reuniu falsas acusações para destruir o homem. Como podia êle tomar uma atitude de pessoa que não agira de má fé?

O boletim fizera referência a uma citação de palavras de Faulk, alegando que havia sido publicada no *Daily Worker*. A verdade é que tinha sido transcrita, palavra por palavra, do conceituado *Herald Tribune* de Nova York. Aí não se tratava de um equívoco inocente.

P. E o senhor tinha diante de si o *Herald Tribune* quando escreveu as palavras entre aspas, não tinha?

R. Sim, é muito provável que tivesse.

Quando uma testemunha começa a agitar-se procurando fugir às setas

de uma reinquirição, mais cedo ou mais tarde acaba atirando-se ao encontro de uma que nem sequer foi lançada contra ela. Perguntamos a Hartnett se êle mesmo não fôra certa vez membro de uma organização que posteriormente figurou no índice da Comissão de Atividades Antiamericanas como uma organização da frente comunista. Não, respondeu êle, fôra apenas a Comissão de Atividades Antiamericanas da Califórnia, chamada Comissão Tenny, que declarara subversiva a organização de que êle fizera parte. Mas, acrescentou, a Comissão Tenny não era de muita confiança. Entretanto, êle a mencionara antes como uma fonte em que confiara!

Exploramos as relações de Hartnett com Laurence Johnson e ligamos os dois com minuciosos laços de atividade. Num dos casos, Hartnett confessou haver escrito a Johnson, sobre o ator cinematográfico Franchot Tone: "Se êle se recusar a tomar posição públicamente, poderemos então tomar as medidas necessárias." Não foi fácil extrair de Hartnett uma descrição dessas medidas, mas êle acabou reconhecendo que se referia a pressões da Legião Americana de Syracuse e dos supermercados de Johnson—chegando ao ponto de recusar espaço nas prateleiras das lojas para os produtos de patrocinadores que não quisessem cooperar. Hartnett não considerava escusos êsses boicotes. Ao contrário, escreveu a Johnson: "Parabéns por seu maravilhoso trabalho."

Concluimos o nosso ataque com uma leitura da confissão de Hartnett de que lhe "havam impingido um monte de informações falsas sobre Faulk". Nessa altura nós o dispensamos, para ser reinquirido por seus advogados. Pouco tempo depois, de maneira imprevista, ocorreu a maior explosão do processo.

"Faça o Favor de Levantar-se"

DURANTE o segundo dia de reinquirição, eu notara que de vez em quando Hartnett tirava do bôlso do colête um cartão rosa, escrevia alguma coisa nêle e depois o punha novamente no bôlso e passava a responder às minhas perguntas. A princípio imaginei que estivesse escrevendo bilhetes para seus advogados. Mas depois observei que, antes de fazer essas anotações, êle olhava para as portas da sala do tribunal, que ficavam exatamente diante dêle. Perguntei-lhe se estava anotando os nomes de certas pessoas que entravam na sala, e êle confessou que estava. Como para comentar êsse incidente seria preciso esperar o sumário dos fatos e argumentos, eu só pude lançar um longo e significativo olhar ao júri.

Dias depois, Bolan interrogava Hartnett:

P. O Sr. Nizer perguntou se o senhor estava anotando os nomes de pessoas que entravam na sala. O senhor se lembra disso?

R. Lembro.

P. Quem eram essas pessoas?

R. Elliot Sullivan, que estava sentado junto da Sr.^a Faulk; John Randolph, Alan Manson, Jack Gilford, entre outros.

Isso me pareceu extraordinário. Seria o comparecimento a um julgamento público da *Aware* incluído em algum futuro relatório, como prova de deslealdade à nossa pátria? Fiquei particularmente impressionado com a observação de que uma dessas pessoas se sentara junto da Sr.^a Faulk. Que sutil ampliação da doutrina de culpa por associação!

Comecei a sentir-me dominado pela fúria, e resolvi correr um risco que a prudência não recomendaria. Na segunda reinquirição, defrontei-me novamente com Hartnett.

P. O senhor está vendo a Sr.^a Faulk na sala, neste momento?

R. Creio que é aquela senhora ali.

O JUIZ: Qual senhora?

Hartnett apontou uma mulher. Eu pedi à mulher que se levantasse.

NIZER: Quer fazer o favor de dizer o seu nome?

A MULHER: Sofer. S-o-f-e-r.

Houve uma explosão de riso que cresceu e foi-se prolongando, à medida que ia sendo percebida e devidamente compreendida a extensão do erro de Hartnett. Eu gritei: "É assim que o senhor identifica as pessoas quando..."

O protesto da defesa foi aceito.

O efeito sensacional do incidente

não podia ser apropriadamente avaliado. Ali, na própria sala do júri, Hartnett se revelara inexato, precipitado e irresponsável. Não podia haver melhor maneira para concluirmos o nosso interrogatório.

Tomando o Pulso

HARTNETT e seus advogados tinham três testemunhas que acreditavam capazes de destruir nossos argumentos. Duas delas, Carl Ward e Sam Slate, eram diretores da CBS e haviam sido superiores de Faulk quando êle tivera um programa de rádio. A terceira era o Dr. Sydney Roslow, diretor de *Pulse*, um serviço de pesquisa sobre índice de popularidade com grande clientela.

Houve tempo em que nós imaginamos que Ward e Slate seriam testemunhas a favor de Faulk. Mas eis que êles apareciam na sala de audiência ladeados pelos advogados da CBS, e, à medida que iam respondendo às perguntas, verificava-se que a política da CBS era negar qualquer insinuação de que participara de listas negras. Havia sido elaborada uma teoria para demonstrar que a dispensa de Faulk fôra devida a uma queda dos índices de popularidade.

Ward fôra diretor-geral da Rádio CBS em Nova York, mas fôra promovido para outro cargo muito antes da publicação do boletim da *Aware*. Declarou que andava insatisfeito com a atuação de Faulk. Mas na reinquirição ficou provado que a insatisfação fôra motivada por haver Faulk aberto a convidados

seu espetáculo individual, provocando com isso uma queda no índice de audiência. Ward exigiu que êle voltasse ao seu estilo antigo. Quando o fez, o índice subiu.

Slate, diretor de programas da CBS, salientou a queda dos índices de popularidade de Faulk nos seis meses anteriores à sua dispensa. Disse que a ofensiva Aware-Hartnett-Johnson contra Faulk não contribuiria para a demissão, mas êle não podia negar sua influência e a profunda preocupação que causara à CBS. Reconheceu que as acusações do boletim haviam tornado Faulk "duvidoso", que, nessas condições, "seria muito, muito difícil para êle arranjar novos empregos".

O Dr. Roslow falou nos índices obtidos por Pulse para o programa de Faulk e disse que tinham de fato caído gradativamente, em princípios de 1957, de 4 para 3,1. Reconheceu que êsse índice se baseava no interrogatório de 400 pessoas num total de quatro milhões de receptores—amostragem de 0,01%, uma base bastante precária. Além disso, reconheceu a possibilidade de uma margem de erro de meio ponto no seu próprio relatório, e confessou que todos os serviços importantes de pesquisa às vêzes diferiam consideravelmente um do outro. E reconheceu ainda que, entre 1955 e junho de 1957, quando Faulk foi despedido, a queda do índice de audiência da estação fôra duas vêzes mais acentuada do que a de Faulk. Assim, Faulk revelara mais prestígio do que a estação.

Apostando no Júri

DEPOIS da última testemunha, o juiz reuniu os advogados para uma conferência, a fim de acertarem providências para o sumário. Deram a Bolan um dia inteiro do expediente do tribunal para sua peroração. Eu teria o dia seguinte, e depois o juiz daria instruções aos jurados.

No dia marcado, a sala do júri estava repleta. Bolan começou e terminou com a acusação de que Faulk mentira deliberadamente em tôdas as etapas do processo:

São tantas as mentiras que é difícil enumerá-las a tôdas. O Sr. Ward falou a verdade. O Sr. Faulk mentiu. Essa série de mentiras foi tão flagrante que o júri pode pôr em dúvida tudo quanto o Sr. Faulk disse.

As palavras "mentiroso" e "mentira" batiam nas paredes, numa seqüência cada vez mais rápida, e ricocheteavam na sala.

As mentiras do Sr. Faulk se estendem por uma área enorme. Em cada depoimento que prestou, ou mentiu, ou exagerou.

Faulk empalidecia de fúria interior enquanto se despejavam insultos sôbre êle, horas a fio. Seria êsse o belo dia da restauração de sua honra, que êle levara mais de seis anos esperando?

Com igual veemência, Bolan sustentava que Hartnett era a essência da veracidade.

Senhoras e senhores, tomo a liberdade de dizer que duvido que qualquer de nós venha algum dia a encontrar um homem tão verdadeiro e honesto como o Sr. Hartnett. Eu seria capaz de jogar todo o resultado dêste processo na vossa apreciação da franqueza do Sr. Hartnett.

E foi o que êle fêz. Mais do que nunca, nós precisávamos da censura dos réus pelo júri por meio de um veredicto substancial. Não só as velhas ofensas pelas quais estávamos movendo o processo, mas também o nôvo aviltamento do caráter de Faulk exigiam plena satisfação.

Bolan apresentou também com grande habilidade argumentos mais sérios. Havia vulnerabilidade na nossa causa. Salientou êle, por exemplo, que a renda de Faulk, no ano posterior ao aparecimento do boletim, fôra de 36 238 dólares, o máximo que êle já ganhara.

O argumento mais enganoso de Bolan era, porém, o relativo direito de se pôr um empregado na lista negra por determinados motivos. Digamos, por exemplo, que perguntassem a uma pessoa se tinha roubado dinheiro de outro patrão e a pessoa se recusasse a responder, alegando que com isso poderia ser incriminada. Um empregador em perspectiva poderia deixar de tomar conhecimento dessa conduta? "A mesma coisa se aplica no caso de perguntar a alguém se é membro do Partido Comunista. É uma circunstância que

as cadeias de televisão e rádio têm o direito de levar em consideração."

Naturalmente, nada disso se applicava a Faulk, que nunca se recusara a responder a pergunta alguma que pudesse incriminá-lo e nunca demonstrara a menor relutância em responder a perguntas sôbre suas associações políticas. Eu ansiava por retrucar e derrubar a falsa estrutura de raciocínio.

Assim corriam as horas. Na peroração, Bolan acentuou os três principais pontos da defesa: não se podia acreditar em Faulk; o boletim não o prejudicara; e Johnson nada tinha a ver com o caso.

Ao cabo de seis horas de amesquinamento e ridicularização, Faulk estava quase chorando. Eu o consolei da melhor maneira que pude. "Isto poderá custar-lhes caro", disse eu. "Êles fizeram um jôgo arriscado atacando-o, e é possível que o júri reaja com uma grande votação a seu favor. Espere até amanhã."

"O Mal é Falta de Coragem"

CHEGAMOS cedo na manhã seguinte e encontramos a sala já cheia. Foi rapidamente preparado o palco de nossos trabalhos. Um servente colocou uma mesa em frente à tribuna do júri e pôs sôbre ela os vinte e tantos volumes de depoimentos dactilografados. Cada um dêles tinha na capa um número grande, em vermelho, correspondente aos números de minhas anotações de maneira a permitir-me escolher rapidamente um volume e ler citações de deter-

minados depoimentos. Comecei então o sumário.

“O último dia foi muito doloroso para nós”, disse eu. “Seria de esperar que os réus se defendessem—mas eles não precisavam derramar seu ódio e sua maldade nesta sala.

“O Juiz vos deu instruções de que a defesa da veracidade era o objetivo traçado. Os réus faltaram a êsse princípio. Tão forte é a nossa causa que, ao fim de 10 semanas, não há base alguma para se concluir que nessas sete acusações os réus disseram a verdade. Ficaram eles aqui nesta sala de tribunal completamente descobertos, como caluniadores que destruíram a vida dêste homem e de sua família.

“Não vos parece que teria sido mais decente, nestas circunstâncias, assumirem a atitude normal dos réus: ‘Enganei-me. Lamento. Não foi proposital.’ Mas não, mesmo nestas circunstâncias, os réus chamaram meu cliente de mentiroso. No último instante, somos novamente caluniados.

“E quem é apresentado como um homem verdadeiro? O Sr. Bolan diz que ‘joga todo o processo na integridade e veracidade do Sr. Hartnett’. Ora, já ficou provado que o boletim que êle escreveu é uma mentira completa. Então, como pode êle ser um homem verdadeiro?”

Depois dêste exaltado preâmbulo denunciando a maldade dos réus, passamos a outra questão.

“Não se trata de comunismo neste caso. John Henry Faulk, desde que

se entende, é anticomunista. Um dos piores dias, e eu nunca o perdoarei aos réus, foi quando êles o reinquiriram horas a fio: ‘Conheceu Ina May Bull em Austin, Texas? Sabia que houve uma reunião comunista? Estava presente?’

“E êle respondia: ‘Não, não, não.’ Não seria de imaginar que os réus apresentassem como testemunha Ina May Bull? Não se faz uma pergunta dessas se não se tem alguma prova. É como tomar o depoimento de uma mulher e perguntar: ‘A senhora não traiu seu marido em Austin, Texas?’—e depois deixar que a coisa fique por isso mesmo.”

A verdade é que nunca foi apresentada qualquer prova de que alguém de nome Ina May Bull ou Max Straus era comunista ou tinha qualquer relação com comunistas.

“Detestamos o comunismo”, continuei. “Não sei como pode alguém acreditar no comunismo quando o comunismo não acredita em ninguém. Mas o que se pergunta aqui é se permitiremos ao nosso govêrno proteger-nos com medidas judiciais adequadas, ou se vamos permitir o vigilantismo particular com fins de lucro?”

“Se um verdadeiro patriota descobrisse alguma prova contra um comunista, êle a mandaria para o FBI. Mas êsse cavalheiro que está sentado ali não fêz isso; fazia acusações ao preço de 20 dólares.”

Passamos então a outro argumento. É claro que o empregador tem o direito de recusar alguém como

empregado se não gostar da côr de sua gravata, ou de sua dicção, ou de seus olhos esquivos, ou pelo fato de se haver aproveitado do direito que lhe assegura a Constituição de não responder a uma pergunta se a resposta puder incriminá-lo. A recusa de um pedido de emprêgo, por parte de um empregador, é o exercício de um critério individual, e mesmo que se baseie em simples capricho, é legal. Mas se êle manda uma lista negra a todos os empregadores em perspectiva, ameaçando-os de conseqüências terríveis se derem emprêgo àquele homem, está agindo ilegalmente.

“Fazei saber que êsse tipo de coisa tem de acabar. Dai com o vosso *verdicto* uma resposta clara ao anti-americanismo que êste caso ilustra. Não somos um povo livre?”

Chegamos afinal ao problema de Laurence Johnson, que nunca chegara a aparecer em juízo. Eximia-se alegando um mal no esôfago, que lhe dificultava comer e de vez em quando lhe provocava vômitos. Tínhamos chamado como testemunha um médico competente que o examinara e declarara que, apesar disso, Johnson gozava de boa saúde para um homem de 73 anos e poderia prestar depoimento. Esperávamos assim que o júri compreendesse que êle se recusava a depor deliberadamente, e que isso significava que não se sentia capaz de contradizer a nossa prova testemunhal.

O relógio marcava três e meia da tarde. Chegara o momento de uma pausa rápida para descanso, de modo

que eu encaminhei o discurso para uma conclusão dessa parte.

“Não há tribunal que não tenha coração. Eu só queria mostrar-lhe algumas cartas e perguntar se foi êle quem as assinou. Não lhê seria criada dificuldade alguma. Mas êle não quis comparecer para identificar essas cartas.

“Êle já sofria do esôfago há cinco ou seis anos, na época em que arruinava o Sr. Faulk. O mal dêle é falta de coragem, não o esôfago. Êle tinha de comparecer aqui para defender-se, mas não teve coragem para isso.”

O Juiz então levantou a sessão—e precisamente nesse momento uma môça entrou às pressas no recinto reservado e passou um bilhete a Bolan. Bolan empalideceu. Sem uma palavra, entregou-me o bilhete:

“Laurence Johnson acaba de ser encontrado morto.”

Trancados a Noite Inteira

TERIA a morte intervindo para destruir a nossa causa? Como reagiriam os jurados quando soubessem que Johnson, a quem eu atacara como covarde, morreria enquanto a acusação estava ainda nos meus lábios? Nossa reclamação contra êle expiraria com a sua morte, deixando-nos com sentenças inexecutáveis contra os outros réus? E pior ainda, teríamos de começar tudo de nôvo? Estávamos atordoados.

Pedimos uma conferência com o Juiz no vestiário. Êle sugeriu que os advogados instruissem seus auxiliares para começarem imediatamente

te um estudo da lei aplicável a essa situação. Pediu depois que eu continuasse a minha peroração, naturalmente sem revelar a morte de Johnson.

Depois de tantos anos de preparação e 10 semanas de julgamento, recebíamos um golpe que poderia ser mortal. Mas era preciso continuar a argumentação com a mesma intensidade de antes. Assim, a contestação sucedeu-se à exposição dos fatos, e o apêlo de justiça sucedeu-se à contestação—e enquanto isso, iam passando as horas. Narramos as últimas fases da miséria pessoal de Faulk, os pedidos de dinheiro emprestado aos amigos, a viagem final para Austin e a patética agência de publicidade que êle fundou.

“Não prosseguirei na história do drama que êsse homem viveu, mas agora ponho a vida dêle em vossas mãos, muito literalmente, porque ou êle terá sua reputação restabelecida por uma sentença que repercutirá pelo mundo inteiro, ou será enxovalhado de nôvo, mais ainda do que antes.”

O Juiz Geller concluía que o júri não deveria ser informado da morte de Johnson enquanto as pesquisas não esclarecessem primeiro seu efeito sobre o processo. Assim, os jurados foram trancados num hotel, sem acesso a revistas, jornais, rádio ou televisão. Enquanto isso, os advogados trabalharam até de madrugada, examinando leis e preparando anotações, e na manhã seguinte as complexidades jurídicas estavam esclare-

cidas. O Juiz decidiu que Johnson continuaria no processo através do seu espólio. A morte não eliminara sua responsabilidade, nem pusera fim ao litígio. Os direitos de Faulk foram preservados.

Os jurados voltaram ao hotel, e o Juiz Geller lhes deu notícia da morte de Johnson. Então, depois de passar em revista a complexa lei que rege os processos por calúnia, disse, às 17h 35m: “Senhores jurados, podeis agora recolher-vos para deliberar.”

O Veredicto

COMEÇOU a vigília. Ficar sentado, impotente, enquanto 12 homens e mulheres, numa sala indevassável, decidem a sorte de um cliente, dá uma sensação de frustração e angústia. Todo raciocínio se desmorona. E, à medida que passam as horas, o sofrimento de não saber torna-se intolerável.

Às 18h 15m ouvimos os passos de um contínuo do tribunal. “Os advogados das duas partes estão aqui?”, perguntou êle.

Seria possível que o júri já tivesse chegado a uma decisão? Decisões rápidas são geralmente favoráveis aos autores. Mas logo fomos desapontados. O funcionário leu apenas um bilhete dos jurados pedindo certas provas. Houve na sala um ruído que não era muito diferente do que faz o ar escapando de um balão de gás furado. Os advogados voltaram à sua posição de desânimo. Daí a pouco, um funcionário nos avisou que os jurados tinham saído para jantar. Nós

também fomos comer alguma coisa.

Às oito horas da noite, voltamos para um Forum Criminal deserto e recomeçamos a nossa vigília, ora sentados à mesa dos advogados, ora andando de um lado para outro no corredor. O edifício parecia adormecido, e o chiado distante de uma enceradeira parecia o ressonar de alguém. A todo momento consultávamos o relógio.

Às 10h 20m houve outro falso alarma. Os jurados queriam um esclarecimento sobre indenização punitiva. "O júri tem o direito de conceder mais do que a importância pedida pelo autor?", perguntavam êles.

Finalmente, às 11h 40m da noite, um funcionário correu atrás de nós no corredor, berrando: "Os advogados queiram voltar à sala de audiência!" A precipitação para voltar causou engarrafamento nas portas.

Quando todos estavam sentados, o presidente do júri se levantou, e, em resposta às perguntas do escrivão, anunciou que o júri chegara a uma decisão. Decidira a favor de Faulk.

"Demos ao autor uma indenização compensatória na importância de um milhão de dólares contra a Aware, Inc., o Sr. Vincent Hartnett e o espólio do falecido Laurence Johnson. Demos-lhe também indenização de 1 250 000 dólares contra a Aware, Inc., e 1 250 000 contra o Sr. Hartnett.

Ouviu-se no fundo da sala um côro incoerente de alegria e pesar. A condenação a 3 500 000 dólares era sem precedentes—e 500 000 dólares mais alta do que a importância

que nós mesmos tínhamos pedido! A votação do júri fôra de 11 x 1, sendo que um dos jurados, uma mulher, discordara simplesmente porque não aceitava uma indenização tão elevada.

Faulk obteve uma vitória completa, e no momento em que Juiz e jurados saíram, êle correu para mim. Palavras de mútua apreciação tinham sido pronunciadas tantas vezes que haviam perdido a força necessária para aquela ocasião especial. Beijamo-nos, numa expressão gaulesa de sentimento profundo, e deixamos que o silêncio exprimisse tudo o que sentíamos diante daquele histórico triunfo.

11 Jurados, 19 Juizes

O JUIZ GELLER negou provimento à petição de Bolan no sentido de ser anulada a decisão do júri e deu vigoroso apoio à indenização fixada pelos jurados. Disse êle: "Parece-nos que o propósito do júri é que essa vultosa indenização, mesmo que não seja cobrável, sirva de advertência a outros para que não se permitam conduta semelhante." E assim, a sentença foi mantida na íntegra.

Tínhamos tido grandes esperanças de que Laurence Johnson fôsse financeiramente responsável pelo milhão de dólares de indenização compensatória. Mas aconteceu que o ativo líquido de seu espólio não valia nem uma fração dessa importância. E nessas condições foi aceito um acôrdo e pagos 175 000.

Os outros réus, a Aware, Inc., e

Vincent Hartnett, apelaram. Não era o dinheiro que estava em jôgo; êles não tinham dinheiro, e não era possível executá-los. Mas, resolvidos a justificar seus processos de investigação como atos de patriotismo, tentaram inverter completamente os têrmos da sentença.

A decisão dos cinco juizes da Côrte de Apelação foi unânime. “De conformidade com as conclusões do júri e com amplo fundamento nas provas dos autos, verificamos que se trata de uma calúnia perversa, deliberada e intencionalmente planejada e executada com efeitos arrasadores contra o autor, e tudo isso sem sombra de justificação.” A côrte achou, porém, excessiva a decisão do júri e reduziu a indenização compensatória para 400 000 dólares, e a indenização punitiva para 50 000 dólares para a Aware e 100 000 dólares

para Hartnett, “que dos dois foi sem comparação o mais culpado”.

Os réus continuaram obstinadamente a apelar. Prestaram a Faulk o serviço de pôr à prova sua queixa em todos os tribunais de apelação, dando-lhe assim a consagração da vitória perante 11 jurados e 19 juizes: o juiz de primeira instância, cinco desembargadores (unânicos), outros seis desembargadores da Côrte de Apelação e sete ministros do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Êstes deixaram de tomar conhecimento do recurso por sete votos contra dois. As listas negras no rádio e na televisão sofreram a condenação de todos os tribunais a que foi levada a causa de Faulk.

Um homem sozinho depositara sua confiança na Justiça, contra poderosas fôrças inquisitoriais. E venceu.

(Tradução de Lya Cavalcanti)



NUMA NOITE escura, no princípio da Segunda Guerra Mundial, eu estava servindo como oficial de segurança em uma base aeronaval americana e fazia a ronda numa rampa de hidraviões. Enquanto ia pedalando na minha bicicleta, ia também pensando que o verdadeiro inimigo não eram os alemães, nem os japoneses, mas, sim, as nervosas sentinelas novatas, armadas de fuzis-metralhadoras. De repente, ouvi o ruído sinistro do ferrôlho de um fuzil e um retumbante “Alto!” Parei minha bicicleta bruscamente e apressei-me em identificar-me. Depois perguntei ao soldado se êle não sabia que a ordem era: “Alto! Quem vem lá?”

Sacudindo o fuzil-metralhadora na minha direção, êle respondeu:

—Quando eu digo ALTO, ninguém mais vai a lugar nenhum! —R. J. H.